



CORPO DE DELITO

A segunda morte de Marx

Quando se trata de combate político ou de mandar umas bocas (e criar um sound byte), mesmo o ópio do povo serve como arma de arremesso



Rui Patrício

Como dizia o outro, no fim do mundo tudo se há-de ver. Talvez estejamos perto desse fim, tantas são as coisas surpreendentes que acontecem. No dia 30 de Maio, ia eu de automóvel, de um tribunal para o escritório, e, aí pelas sete da tarde, ouvi as notícias. Falou-se da Assembleia da República e disse-se que deputados do PCP e do BE haviam assinalado o extinto feriado de Corpo de Deus, designando-o por "feriado roubado aos trabalhadores"; parece que uma deputada até terá dito que tal roubo era obra de uma direita (ou maioria – não recorro o substantivo) rançosa (isso, rançosa – recorro o adjectivo). Ora, depois de ouvir isto, sorri e quase dei uma gargalhada. Como também dizia o outro, rir (às vezes) é o melhor remédio.

Esses partidos (pelo menos esses) beberam em Marx (uns mais, outros menos), e certamente concordam que a religião é o ópio do povo. Ou não? A religião aliena o povo, adormece-o, enfraquece-o, assim o preparando para ser mais fácil e eficazmente explorado. Ou não? Os templos religiosos – como disseram e fizeram alguns revolucionários que beberam em Marx e outros – servem para cavaliariças, armazéns, celeiros, et cetera. Ou não? E agora, depois de tudo isto, temos o PCP e o BE, entre nós, a chorar por um feriado religioso. Trata-se de uma segunda morte de Marx? Talvez seja apenas algo mais simples: quando se trata de combate político ou de mandar umas bocas na Assembleia ou noutra sítio (e, já agora, criar um sound byte), mesmo o ópio do povo serve como arma de arremesso. Se fosse a sério, até poderíamos pensar que, em matéria de três efes, o PCP e o BE já se tinham convertido, pelo menos, a um deles. Fátima já estaria, faltaria a definitiva conversão ao Futebol e ao Fado. Talvez defender que os trabalhadores têm direito inalienável a escutar o seu relato de futebol ou a ouvir um fadinho. Não?

Eu sou dos que pensa que a medida do governo de extinguir feriados não

serve para nada, e é pura cosmética – como outras medidas que caracterizam os tempos modernos, deste governo ou de outros, medidas que são só aparência, coisas levezinhas, politicamente correctas ou para alimentar a espuma diária das notícias e para serem gritadas em comícios. Tanto faz termos mais ou menos feriados, que não será isso a mudar as nossas condições de vida. Mas não posso deixar de sorrir perante a nostalgia do PCP e do BE relativamente ao Corpo de Deus. E também não posso deixar de dizer que não tem pés nem cabeça dizer que extinguir feriados é um roubo aos trabalhadores. Os feriados não são direitos dos trabalhadores, e confundi-los com os verdadeiros direitos dos trabalhadores (os direitos ao trabalho, ao salário, ao descanso, a condições dignas, a higiene e a segurança, etc.) só serve para distrair, fazer rir e enfraquecer os direitos. Ou não? E será que ainda ouviremos o PCP ou o BE a dizer que o calendário, quando faz coincidir um feriado com um Domingo, por exemplo, também rouba os trabalhadores? O calendário, esse rançoso capitalista.

Advogado. Escreve ao sábado



Depois de tudo isto, temos o PCP e o BE a chorar por um feriado religioso